

43º Encontro Anual da Anpocs

SPG03 Ação coletiva e emoções nos movimentos sociais contemporâneos

**Os afetos e a disposição para a ação política em torno da
remoção: o caso de Vargem Grande/ RJ**

Karina Adad de Miranda
Doutoranda em Ciências Sociais (UERJ)
karinnaadad_@hotmail.com

Resumo: Pensar *no* e agir *sobre* o lugar precisa vir acompanhado da consideração sobre as interações existentes, de maneira que o espaço seja entendido para além da sua estrutura física e dos seus limites. Nesse contexto, significado, valor, percepção, familiaridade, identificação, compromisso, dentre outros, ajudam a compreender e esquematizar as diferentes formas como os moradores do bairro de Vargem Grande/RJ se relacionavam com o local e entre si e de que maneira essa relação dialoga com as emoções nutridas pela localidade. Partindo do conceito de topofilia, a pesquisa buscou entender como o aspecto ambiental do bairro influencia os afetos e a disposição para a ação política em torno da remoção. Nesse sentido, a conclusão guiou-se para a consideração de que a relação afetiva com o lugar, enquanto motivador para a resistência, apesar de forte, não constitui a única e, em algumas situações, a principal razão para a insurgência, sendo igualmente importante a análise dos vínculos sociais.

Palavras-chave: topofilia; afetos; vínculos sociais; resistência; Vargem Grande/RJ.

Abstract: Thinking *about* and acting *on* the place must be accompanied by consideration of existing interactions, so that space is understood beyond its physical structure and its limits. In this context, meaning, value, perception, familiarity, identification, commitment, among others, help to understand and outline the different ways in which the residents of the neighborhood of Vargem Grande/RJ related to the place and to each other and in what way this relationship dialogues with the emotions nurtured by the locality. Starting from the concept of topophilia, the research sought to understand how the environmental aspect of the neighborhood influences the affections and the disposition for the political action around the removal. In this sense, the conclusion was guided by the consideration that the affective relationship with the place, as a motivator for resistance, although strong, is not the only and in some cases the main reason for the insurgency, being equally important the analysis of social bonds.

Keywords: topophilia; affections; social bonds; resistance; Vargem Grande/RJ.

“Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!”
(ROSA, 2015, p. 92)

Introdução

A mudança da cidade para um ambiente rural transformou o jovem Werther. O contato com a natureza permitiu “gozar o prazer de estar consigo mesmo” (GOETHE, 2017, p. 15) ao mesmo tempo em que a tranquilidade do lugar possibilitou uma reconexão social perdida na corte. A famosa obra de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther* mostra a força que o meio natural tem sobre as pessoas de modo a ser “possível perceber que a sensibilidade dos personagens tem sintonia particular com o ambiente físico natural” (GOMES, 2017, p. 58). Enquanto para Werther a simplicidade e a calma do campo somado ao contato com a natureza transmitem uma “sensação de liberdade” e de verdadeira felicidade alcançada pela interação “com as pessoas do povo”, a vida urbana se resume a lutar por ascensão social.

A sintonia entre ser humano e ambiente possibilita o encontro consigo mesmo e com o outro, de modo que as relações criadas a partir desse encontro nos tornam “**seres geográficos**”. Isso quer dizer que a compreensão sobre o nosso lugar no mundo perpassa o entendimento sobre três categorias que compõem o espaço: natureza, relações sociais e significados (SACK, 1997). Enquanto geógrafo relacional, Robert Sack em sua obra *Homo geographicus* defende que o ser humano possui uma natureza geográfica desenvolvida a partir de “uma estrutura relacional geral”, a qual garante aos indivíduos uma “agência geográfica”. Composto essa estrutura estão os fatores - natureza, relações sociais e significados - que ao interferirem mutuamente tornam possível às pessoas se localizarem e planejarem sua intervenção na paisagem.

Ao mesmo tempo, a sociedade moderna é marcada pela presença de fronteiras mais porosas e espaços compartimentados. Nesse sentido os lugares, apesar de interconectados, são vazios de significância e seu bom funcionamento depende de não serem notados. Sack (1997) parte da compreensão de que tomamos consciência do ambiente apenas quando há algum problema com ele e ainda assim, prestamos mais atenção ao local do que às relações que se desenvolvem ali. É nesse contexto que pensar *no* e agir *sobre* o lugar precisa vir acompanhado da consideração sobre as interações existentes, de maneira que o espaço seja entendido para além da sua estrutura física e dos seus limites. A importância que se dá aos

elementos naturais em detrimento das trocas humanas constitui uma maneira enfraquecida de se abordar a paisagem e nessa circunstância o posicionamento de Besse (2014, p. 36-37, grifo do autor) vai de encontro ao de Sack (1997) e ajuda a introduzir o fator “significado”.

[...] entre todas as razões que se pode ter para preservar um fragmento de paisagem, a razão estética é certamente a mais pobre. Temos que achar novos critérios para avaliar as paisagens, existentes ou futuras. Para tanto, é preciso abandonar o ponto de vista do espectador e se questionar sobre o interesse que o ser humano teria de viver nessas paisagens. As perguntas que devem ser feitas não são *primeiramente* estéticas, mas sim as seguintes: quais possibilidades oferece a paisagem para o ser humano viver, para ser livre, para estabelecer relações sensatas com os outros homens e a própria paisagem? Qual é a contribuição da paisagem para a realização pessoal e a mudança social? A resposta de J. B. Jackson a essas perguntas é inapelável: nunca se deve mexer na paisagem sem pensar naqueles que vivem nela. Afinal de contas, se a paisagem tem um sentido e, sobretudo, se o projeto de paisagem pode ter um sentido, é porque o desafio é tornar o mundo habitável para o homem. O eixo central da reflexão está aí: a paisagem é a expressão de um esforço humano, sempre frágil e a ser recomeçado, para habitar o mundo.

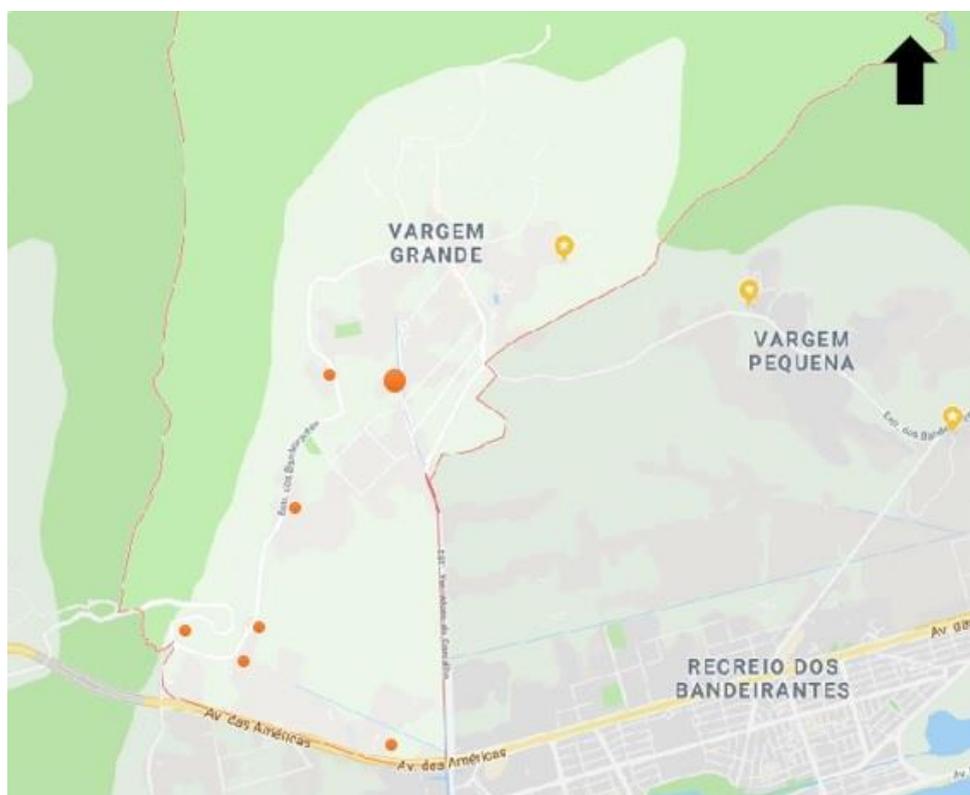
“Todo lugar possui significado” (SACK, 1997, p. 66) e este, enquanto fruto da consciência, **motiva as ações**. A natureza e as relações sociais exercem influência sobre o significado e, na medida em que um espaço permite a combinação de todos eles, adquire valor, logo sentido. Isso ocorre mesmo que o sentido possa não ser compartilhado integralmente por toda a sociedade. Essa variação depende, por exemplo, do tipo de experiência proporcionada ao indivíduo, como de lazer, moradia ou trabalho. Um outro aspecto que altera o significado é a capacidade de ver o lugar como aparência ou essência (SACK, 1997). Enquanto a aparência permite um olhar superficial sobre o lugar, visto como não abrigando relações verdadeiramente reais e, portanto, adquirindo significado pelo que ele aparenta ser; a essência possibilita ver a realidade que se esconde por debaixo das camadas de superficialidade.

Esses dois marcadores - **presença de significado** e contraste **aparência/essência** - foram importantes para compreender e esquematizar as diferentes formas como os moradores de Vargem Grande se relacionavam com o bairro e entre si e de que maneira essa relação dialogava com as emoções nutridas pela localidade.

Metodologia

Para desenvolver a pesquisa foram feitas entrevistas em profundidade com seis residentes que apresentassem perfis variados quanto a gênero, idade, local de moradia e de

trabalho e atividade desempenhada. A escolha desses critérios pretendeu englobar o maior número de tipos diferentes de moradores de maneira a mostrar quais qualidades de Vargem Grande mais importavam para o estabelecimento de uma relação afetiva com o lugar e a consequente motivação para resistir à remoção. Para tanto, é importante mencionar que o bairro de característica rural apresenta três ambientes notadamente distintos: a área de favela, que abrange sete favelas; a área urbanizada, na qual existem casas com quintais, edifícios de apartamentos e condomínios; e a área de floresta localizada no Parque Estadual Maciço da Pedra Branca, onde estão situadas as famílias de funcionários do parque e da comunidade quilombola (figura 1).



LEGENDA:

FAVELA

FLORESTA

ÁREA

URBANIZADA



Figura 1. Mapa de Vargem Grande com destaque para a distribuição em favelas, floresta e área urbanizada.
Fonte: elaboração da autora a partir de imagem do Google Maps

Partindo do local de moradia, foram entrevistados um sujeito pertencente à favela e um morador da floresta, sendo os outros quatro residentes da área urbanizada com o detalhe de que um reside em condomínio. Yuri é o único dos entrevistados que mora na favela e que já passou por um processo de remoção antes de chegar em Vargem Grande. Bastante conhecido e querido por muitas pessoas, comuta ao ofício da jardinagem a de líder comunitário. Giovani, o único jovem dentre os seis, é nascido e criado no bairro e vive na área urbanizada. Desenvolve atividades culturais e econômicas na região, apesar de trabalhar em outro bairro. Guilherme, assim como Yuri não é originário da região, mas há mais de vinte e cinco anos vive na floresta. Apesar de desempenhar função em bairro diverso, possui uma forte atuação na área ambiental, tendo trabalhado em projetos com esse propósito.

Os outros entrevistados têm em comum o fato de trabalharem no bairro e de pertencerem à mesma faixa etária. Iara, nascida e criada em Vargem Grande e moradora da área urbanizada, possui uma intensa atuação na região através da conservação das práticas culturais locais por meio do estímulo à agricultura familiar e do fortalecimento de feiras agroecológicas como geração de renda. Graça, apesar de não ser originária, vive na região há mais de vinte anos e tem um envolvimento com a causa ambiental a partir de entidades e instituições, como a associação de moradores. Enquanto moradora de condomínio, uma das suas principais bandeiras é a regularização das casas pertencentes a esses locais. Já Aquiles assim como Graça não é nascido e nem criado em Vargem Grande, mas integrou-se totalmente ao lugar, primeiro por causa do trabalho como professor em uma escola local, e segundo, por ter casado com uma descendente quilombola. Abaixo há uma tabela com a relação dos entrevistados (tabela 1).

NOME	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ONDE MORA	LOCAL DE TRABALHO	ATIVIDADE DESEMPENHADA
Yuri	50 - 60	Homem	Favela	Outros bairros	Jardineiro
Guilherme	50 - 60	Homem	Morro (floresta)	Outro bairro	Biólogo
Iara	40 - 50	Mulher	Área urbanizada	Vargem Grande	Pesquisadora e comerciante
Giovani	20 - 30	Homem	Área urbanizada	Outro bairro	Gestor público
Graça	40 - 50	Homem	Área urbanizada (condomínio)	Vargem Grande	Arquiteta
Aquiles	40 - 50	Homem	Área urbanizada	Vargem Grande	Diretor de escola e professor de geografia

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados a partir das categorias: faixa etária, sexo, onde mora, local de trabalho e causas de que participa.

Fonte: elaboração da autora (2019).

O amor pelo lugar

a) A topofilia

A geografia humanista foi uma das primeiras ciências a se debruçar sobre a relação entre seres humanos e meio ambiente de maneira a tornar possível compreender as percepções, atitudes e valores decorrentes dessa interação. Nesse sentido, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980) trabalha com a ideia de que essas percepções, atitudes e valores são construções culturais e, portanto, variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. No entanto, ainda que haja formas diferentes de se perceber e vivenciar um mesmo mundo, há uma predisposição “a ver as coisas de uma certa maneira” (TUAN, 1980, p. 6), haja visto os sujeitos compartilharem ferramentas comuns, isto é, os sentidos.

Para o autor, a visão permite captar informações distribuídas espacialmente de maneira detalhada e específica, ajudando na identificação de cor, profundidade, altura. Esse sentido também auxilia na diferenciação de objetos, que dentre outras contribuições, permite que o indivíduo atue no mundo. Não menos relevante é o tato, o qual viabiliza a sobrevivência mesmo quando falta qualquer um dos outros sentidos. A audição, apesar de pouco desenvolvida, quando comparada com outros animais, tem sua relevância ao conseguir sensibilizar mais do que a visão e fornecer dados espaciais importantes que complementam o campo visual. Já o olfato garante experiências sensoriais que tornam ainda mais possível o estabelecimento de afetos com o lugar, uma vez que “o odor tem o

poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas”, resgatando “todo um complexo de sensações” (TUAN, 1980, p. 11).

No que diz respeito ainda aos traços comuns, Tuan (1980) passa do corpo para a mente. Segundo o geógrafo, esta congrega um conjunto de símbolos e sinais criados para dar significado ao mundo exterior. Assim, a mente seria responsável por estabelecer associações ambientalmente consideráveis, como a tendência para perceber os objetos proporcionais ao tamanho do corpo humano, resultando na construção de mapas em escala; para organizar o espaço em segmentos por meio do estabelecimento de direções e sentidos; e para arranjar a natureza a partir de oposições binárias, como terra e céu, montanha e vale, campo e cidade, centro e periferia.

Na interação entre ser humano e ambiente tão relevante quanto a **experiência pessoal** é a **vivenciada pelo grupo** quando se investiga sobre as atitudes e preferências ambientais. Nesse contexto, Tuan (1980) argumenta sobre a imprescindibilidade de conhecer não apenas o ambiente físico, mas a **história cultural da coletividade**, uma vez que ambos os conceitos estão intimamente ligados.

Pensando em termos individuais e coletivos, o conceito de *topofilia* surge para traduzir “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). A partir daí é possível falar de **amor pelo lugar** que pode diferir em intensidade, sutileza e modo de expressão. Não sendo única e nem mesmo exclusiva, a topofilia pode ser sentida tanto por um turista através de um deleite estético e efêmero quanto por um camponês que, por ter com a terra um contato mais íntimo, compartilha um sentimento mais profundo, complexo e duradouro. Nesse último caso, a duração é mais pessoal e prolongada quanto mais mesclada com lembranças.

Intimamente ligada às lembranças construídas em torno de uma mesma área está o **senso de familiaridade**, que também compõe a topofilia. O espaço pode ser vivido como lar, *locus* de memórias ou lugar de onde se tira o sustento, gerando nas pessoas que lidam com a terra uma relação de dependência mais pronunciada, a ponto de compreenderem o lugar como uma extensão do seu próprio ser. Nesse diapasão é esclarecedor o seguinte extrato:

Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim, algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um

novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas (TUAN, 1980, p. 114).

b) Os afetos

Há lugares que despertam emoções e da mesma forma que estas não são universais, também não o é a capacidade de senti-las. É necessário um contato mais intenso do que a apreciação visual, sendo, portanto, preciso tocar para sentir, mas também experienciar e viver o lugar. Essa interação permite a construção de poderosas conexões e desconexões entre as pessoas e o seu mundo dando origem aos afetos, os quais compõem o cosmos de tal forma que sem eles sobrevivemos em um espaço que parece vazio, neutro, apolítico (SMITH *et al*, 2009) e sem sentido.

Nesse mundo, chamado de “espaço abstrato” por Lefebvre (2001), tudo o que existe é visto como matéria-prima indispensável para a reprodução humana, no qual todas as significações e emoções são abstraídas (SMITH *et al*, 2009). Por extensão, os lugares tornam-se abstratos e desprovidos de afetividade, ao mesmo tempo em que, segundo os mesmos autores, permitem tratar os seres humanos como abstrações.

Ainda que a industrialização e a urbanização do século passado tenham levado à tendência de tornar pessoas e locais genéricos (LEFEBVRE, 2001) e de erradicar a experiência autêntica de se sentir parte de um lugar (JONES; EVANS, 2012), Smith *et al* (2009) argumentam que essa desatenção é mais aparente do que real. Isso decorre do fato de que não há sujeito sem ambiente, e essa situação permite que os indivíduos se localizem, se encontrem, se conheçam, se relacionem e sintam.

Esse autoconhecimento proporcionado pela condição de estar no mundo não ocorre em sua completude através das palavras. Por estarem em movimento, “elas nos permitem refletir no mundo, situar nosso conhecimento dentro de vários contextos, mas não capturam a essência do mundo” (SMITH *et al*, 2009, p. 6). Tampouco são plenamente eficientes em transmitir a terceiros os afetos sentidos se não houver algum tipo de afetação¹. É nesse contexto que se torna possível compreender a intensidade da relação das pessoas com o lugar, como aconteceu com a comunidade pesquisada por Losekann (2017).

¹ O sentido aqui empregado é o mesmo utilizado por Jeanne Favret-Saada (2005) em “Ser afetado”. Tanto lá quanto aqui é feita a defesa de que a experiência emocional só é completamente concretizada quando se permite ser tocado, ser contagiado, ser afetado pelos acontecimentos.

O rompimento da barragem do Fundão, localizado na cidade de Mariana, ocorrido em 2015, atingiu cidades em Minas Gerais e no Espírito Santo, levando a uma intensa mobilização que envolveu moradores, organizações não-governamentais, entidades religiosas, instituições de ensino e sociedade civil. Na tentativa de entender o papel dos afetos na ação coletiva e nas reivindicações das vítimas, Losekann (2017) observou que se tratava de um processo complexo, no qual era necessário estabelecer noções morais de certo e errado, além de ter as informações organizadas cognitivamente pelos atingidos e pelos atores externos. Na medida em que foi ficando claro que a organização dos valores culturais assumidos pela coletividade envolvia representações morais, cognitivas e emotivas, foi possível compreender que estas não eram suficientes para dar origem à insurgência, pois dependiam da **experiência de viver o local**.

A emoção pelo lugar contagia e mobiliza; mobiliza e contagia, haja visto ocorrer um ‘contágio emocional’ (JASPER, 2016). Isso que dizer que a emoção contagia os indivíduos e os leva a se mobilizarem, mas também os torna capaz de agirem individualmente e nesse processo contagiarem outras pessoas a resistirem. Em sua pesquisa, Losekann (2017) lembra de uma situação em que, após uma visita à casa de um pescador, o mesmo convidou-a junto com outros pesquisadores para um passeio no rio. A experiência, segundo ele, seria um presente dado ao grupo. O convite permitiu não apenas viver o ambiente, mas sentir e entender o que seus habitantes algumas vezes tentaram transmitir em palavras, de modo que “ao refletir sobre essa experiência, percebemos a importância da dimensão do lugar para a dinâmica emocional” (LOSEKANN, 2017, p. 114).

A experiência emocional construída através do contato com o espaço permite entender o significado deste e, portanto, não deve ser menosprezada. Essa conexão corresponde a um “fenômeno intensamente particular e visceral. A utilidade do afeto como um conceito diz respeito ao modo como essas intensidades não estão confinadas ao corpo do indivíduo, mas à capacidade de serem compartilhadas e ampliadas” (JONES; EVANS, 2012, p. 7). Por isso diz-se que o lugar é uma extensão do corpo, mas que com ele não se confunde. Ambos são elementos de uma relação e estão continuamente se envolvendo e se revelando, de maneira que

Há, portanto, um forte componente temporal, com relações afetivas criando uma série de conexões emocionais em desenvolvimento; o corpo e a paisagem ficam emaranhados com a memória do indivíduo de compromissos físicos contínuos

com o lugar. Em suma, as conexões para o local se acumulam com o tempo (JONES; EVANS, 2012, p. 7).

Os afetos e as lutas coletivas: o caso de Vargem Grande

a) Ambientação

Para uma melhor compreensão sobre as ações contrárias à remoção que se desenvolveram a partir de 2016 em Vargem Grande é imprescindível fazer uma breve descrição do lugar, observando não apenas as características físicas, mas as interações sociais ali presentes. O bairro situado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro é em grande parte abrangido pelo Parque Estadual da Pedra Branca², cuja importância justifica-se não apenas pela riqueza de sua fauna e flora, mas pelo valor arquitetônico, cultural, paisagístico e geográfico. A presença do Maciço da Pedra Branca ainda contribuiu para a transformação de Vargem Grande em um polo de ecoturismo, com o surgimento de um polo gastronômico, a construção de um grandioso parque aquático e de um pequeno número de hotéis.

Apesar do desenvolvimento turístico, a economia em grande medida baseia-se na agroecologia e na agricultura familiar através da produção de alimentos e de plantas medicinais para consumo próprio e/ou comercialização, além da criação de animais, sendo realizadas nos quilombos, nos assentamentos de pequenos produtores e em moradias com quintais produtivos (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017). Nesse sentido, a questão agrícola vem sendo cada vez mais discutida e na tentativa de ver resguardada essa prática, bem como de estimulá-la por meio do empoderamento de seus praticantes, têm surgido na área feiras livres orgânicas e relevantes “redes sociotécnicas e de participação política que envolvem os sistemas agroalimentares” (SERTÃO CARIOCA, 2018), como é o caso da Rede Carioca de Agricultura Urbana (RedeCAU), da Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM) e da Coletiva Hortelã.

² De acordo com Rocha (2018)

O Parque representa 10% do território da cidade do Rio de Janeiro, possui 12.500 hectares e apresenta-se como a maior reserva florestal em área urbana no mundo. Além disso, mais de 50% do remanescente de Mata Atlântica da cidade está concentrado no Parque, bem como inúmeros sítios tombados. Na cidade, ele detém o ponto mais alto, o Pico da Pedra Branca, com 1.024 metros de altura em relação ao nível do mar. Sua cobertura vegetal é distribuída em três tipos: vegetação de campo antrópico, constituído de culturas, pastagens e macegas, que representa 26% da área, Florestas Alteradas, incluindo os bananais, com 17% da área e 55% coberto por Floresta da Mata Atlântica.

Paralelamente, aspectos urbanísticos ligados à regularização fundiária, infraestrutura urbana, espaços públicos e mobilidade permanecem ignorados pelo poder público. Caracterizado pelo “avanço de condomínios irregulares sobre áreas de preservação ambiental” (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017, p. 13) e por um crescimento de 7,9% da área ocupada por favelas entre 2008 e 2011, sendo portanto o maior percentual dentre os 160 bairros pesquisados por Lopes, Amorim e Cavallieri (2012), Vargem Grande sofre com o aumento da violência e da militarização proposta por grupos de milicianos; ausência de saneamento ambiental, pavimentação adequada e iluminação pública e carência de espaços de lazer comunitários, de centros de cultura, de escolas de nível médio e técnico e de bibliotecas públicas.

b) A luta por Vargem Grande

A perda de vegetação nativa, o alargamento e a construção de ruas, a transformação de áreas de mata ou de lavoura em prédios e casas, a forte especulação imobiliária, bem como a introdução de um senso de propriedade, o qual restringiu o livre acesso aos componentes naturais, como vegetação, rios, solos, compõem algumas das transformações vivenciadas e relatadas pelos moradores. Mesmo com essas mudanças é interessante observar que as pessoas relutam em deixar o bairro. A partir das falas dos entrevistados é possível identificar que a resistência é resultado: a) do propósito de ver os vínculos sociais mantidos; b) do respeito às memórias afetivas e à história local; e c) do compromisso com a luta e com seus integrantes.

Em relação à manutenção dos vínculos sociais, o senso de **comunidade** ou de **familiaridade** presente em Vargem Grande faz com que alguns moradores sintam-se envolvidos em disputas que não os ameaçam diretamente, como conta Guilherme: “*Eu tô lá em cima protegido dentro da floresta, mas existem pessoas que estão aqui embaixo que vão ser impactadas com esse PEU*”³. Nesse sentido, eles insurgem-se em prol de um benefício alheio. Essa forma de pensar e de agir, na qual o bem comum é apresentado como

³ O Plano de Estruturação Urbana (PEU) é um instituto exclusivo da legislação da cidade do Rio de Janeiro e, em outras palavras, “objetiva detalhar os condicionantes de ocupação territorial na escala de um bairro ou de um conjunto de bairros” (CARDEMAN, 2014). No caso de Vargem Grande, estudos preveem uma grande descaracterização paisagística, social, cultural e econômica, acompanhada pela precarização das formas de vida locais, quando não pela sua remoção (MIRANDA, 2019).

prevalecendo sobre as vantagens individuais, envolve a **conservação da cultura local** e do modo de relacionar-se com a terra.

Intrinsecamente associada à preservação cultural, a qual envolve a produção agroecológica, as moradias com quintais produtivos e o estreitamento dos vínculos sociais, está a preocupação com a manutenção das memórias afetivas e da história local. Nesse contexto, o quilombo Astrogilda Cafundá possui um protagonismo que perpassa os modos de vida e de socialização e as motivações para resistir à remoção. Os entrevistados apontam o quilombo como um importante elemento de **resgate afetivo** e de **identificação**, na medida em que parte dos moradores originários têm parentesco com os quilombolas. Como resultado, a percepção de que todos fazem parte de uma mesma família não apenas aproxima as pessoas como as engaja na resistência, conforme nota-se na falas abaixo:

Eu por enquanto estou seguro lá em cima, mas isso pra mim não basta, porque eu amo muito as pessoas aqui embaixo, eu me preocupo muito com elas. Porque na verdade fazem parte dessa **família** que é Vargem Grande. [...] Então existe ainda essa relação de família, né, e eu me preocupo muito com essas pessoas, com os descendentes, né. (Guilherme)

Ontem eu fui na festa do quilombo e eles tavam... O Sérgio [nome fictício] que é meu primo, né, primo do meu pai, que faz parte do quilombo, ele tava falando de... a gente chamava todo o mundo de primo e hoje em dia a gente não chama todo o mundo de primo, porque a gente não vê as crianças crescendo, né, pra reconhecer eles como primos, mas eles também são primos. Então a gente faz atividades como essas festas infantis, a gente resgata festa de final de ano pra ter de novo esse contato e retomar essas características. (Giovani)

No que diz respeito ao compromisso com a luta e com os seus militantes esse comprometimento resulta de um complexo de emoções que mistura o gosto e o prazer com a necessidade de participar da militância. Nesse caso, a necessidade, antes de corresponder a uma obrigação, representa o meio mais viável para se estar em contato com pessoas que compartilham um mesmo posicionamento ideológico. Ao mesmo tempo, **estar junto** significa ser solidário e sentir-se útil, gerando um sentimento de alegria e de realização pessoal.

Eu gosto de participar, preciso participar, né? Preciso pra agradar as pessoas, preciso pra me agradar. Eu gosto daquilo ali. [...] Porque você acredita numa linha de raciocínio e aquele pessoal que tá ali fazendo aquilo ele tá brigando por transformação de sociedade, então se você tá lá junto, é convidado, [...] você tá fazendo parte daquela transformação que você acredita, então cê tá, como diz, seu ego tá agradado por aquilo. Duas vezes, primeiro porque as pessoas lembraram de você como um agente de transformação e segundo, porque você tá dando uma contribuição praquela momento, praquela espaço, entendeu? São duas coisas, juntas. Uma já é altamente alegre, traz uma felicidade danada, ainda mais duas, né? (Yuri)

Mesmo usufruindo de uma felicidade que surge na ação coletiva, é importante salientar que a luta muitas vezes acontece por causa da sua inevitabilidade. Como afirma Aquiles “(...) *infelizmente a luta é bem desigual e com poucas vitórias efetivas mesmo. Mas a resistência continua. Isso não vai deixar de existir nunca*”. Como resultado há a necessidade de estar sempre insurgindo, uma vez que as adversidades são frequentes. Nesse sentido, Yuri reproduz a fala de um companheiro: “*E então a luta é muito maior do que o que vocês pensam. Se vocês pensarem que tem uma vitória, nunca vai ter vitória, vitória. Não tem comemoração. Não existe isso. Existe luta depois da luta, mais luta depois da luta*”.

c) Percepção sobre o lugar

Vargem Grande é um bairro incomum por muitos aspectos. Um deles está relacionado com o que chamarei de distribuição socioespacial, a qual acaba interferindo na percepção sobre o lugar. Apesar de possuírem um senso de comunidade forte, os moradores apresentam uma vivência com o bairro que varia conforme a sua origem, tipo de trabalho e local de moradia. Há três regiões bem marcadas divididas em: morro, área urbanizada e favela, nas quais foram identificados cinco grupos (tabela 2).

GRUPO	LOCAL	ORIGEM	TIPO DE MORADOR	RELAÇÃO COM O BAIRRO
1	Morro	Quilombola	Morador da floresta e/ou quilombola	Vive da terra e/ou desenvolve atividades ligada à terra
2	Área urbanizada	Descendente de quilombola	Morador de casa e descendente de quilombo	Desenvolve atividades ligada à terra e ao lugar
3		Descendente de antigos moradores de Vargem Grande proprietários de terra	Morador de casa e descendentes de antigos moradores nascidos em Vargem Grande. Alguns têm suas casas em sítios	Aprecia as qualidades da região (beleza paisagística, tranquilidade, senso de comunidade)
4		Outros bairros do RJ	Morador de condomínio, cuja casa não é regularizada	Aprecia as qualidades da região (beleza paisagística, tranquilidade, senso de comunidade)
5	Favela	Descendentes de antigos trabalhadores rurais de	Morador de favela	Desenvolve atividades ligada à terra e ao lugar

		Vargem Grande ou de outros estados do Brasil		
--	--	--	--	--

Tabela 2. Distribuição socioespacial dos moradores de Vargem Grande em grupos.
Fonte: elaboração da autora (2019).

Dentro do primeiro grupo encontram-se os quilombolas e algumas famílias que vivem na área de floresta sob responsabilidade do Parque Estadual da Pedra Branca (grupo 1). No segundo, terceiro e quarto estão os indivíduos que vivem na parte formal do bairro, morando em casas situadas em condomínios ou não, ou em apartamentos. Distribuem-se entre os descendentes de quilombolas por parentesco ou afinidade (grupo 2); os herdeiros de antigos proprietários de terra em Vargem Grande (grupo 3); e as pessoas residentes de condomínios, cujas casas não estão legalmente regularizadas (grupo 4). No quinto localiza-se os moradores de favelas, que compõem um conjunto formado por removidos de outros lugares, descendentes de antigos trabalhadores rurais de Vargem Grande ou de áreas rurais de outros estados do país, como Minas Gerais e Espírito Santo (grupo 5).

A partir das entrevistas foi possível notar que o local de moradia, a origem e o tipo de morador estão intimamente relacionados com a maneira de ver e lidar com o lugar. Dentre os pertencentes dos grupos 1, 2 e 5 há uma maior interação com a natureza, a qual é encarada como provedora de alimentos e como habitat da vida animal, vegetal e social. Por isso a sua preservação está intimamente atrelada à manutenção da comunidade.

Pelo fato de originariamente compartilharem a mesma tradição de cultivo do solo ou estarem próximos de pessoas com esse tipo de atividade, os grupos 1, 2 e 5 percebem a terra como se se tratasse de uma “entidade”, a qual precisa ser aceita e compreendida em todas as suas qualidades e defeitos. Para esses sujeitos importa a terra enquanto local de moradia e de construção de laços, de forma que é Vargem Grande quem “aceita” que seus moradores possam habitá-la. Nesse sentido, o bairro é visto a partir da sua totalidade, o que não inclui apenas a casa ou o aspecto paisagístico, mas toda a natureza existente, de onde decorre a diferença entre o “**amor pela terra**” e o “**amor pelo lugar**”.

Então em Vargem Grande, Vargem Pequena existe esse gosto, são filhos [cujos] pais já tão morrendo, já morreram, mas gostam de morar ali. Nem ligam muito dos prédios chegar, não, tá [sic]? [...] Não ligam muito, não. Não pensam que nem a gente que tem que preservar a natureza, que a gente tem muito amor à terra, eles têm amor ao lugar. [...] A diferença é que eles querem morar tranquilo, mais barato, entende? Mais barato, próximo da natureza, mais barato e tranquilo. É isso. A diferença nossa, o amor à terra é pela terra mesmo, do jeito que ela é, que tem de preservar a natureza, eles não ligam muito pra isso. (Yuri)

A diferenciação feita por Yuri deixa entrever que as preocupações dos grupos 3 e 4 estão mais relacionadas com a conservação das características positivas do bairro, o que não implica necessariamente a manutenção dos vínculos sociais e dos moradores de favela. Para uma das entrevistadas o PEU de 2015 é considerado benéfico em alguns pontos.

Agora tem um lado que é bom, porque prevê 4 áreas verdes, 4 parques, não do jeito que a gente acha que é o ideal, que é não ter no miolo do jeito que deveria como a gente tava falando ali, mas tem assim, um planejamento de ciclovias em todas as ruas, de arborização em todas as ruas, tem um lado bom. Tem um projeto que diz que construir um piscinão de não sei quantos mil litros, tipo o piscinão da Praça da Bandeira, porque aqui é um lugar grande. Isso é legal, se isso for bem feito (Graça).

Os moradores de casas e descendentes de antigos moradores nascidos em Vargem Grande (grupo 3) e os residentes de condomínio (grupo 4) quando comparados com os indivíduos localizados nas comunidades quilombolas (grupo 1) e nas favelas (grupo 5) vivenciam experiências diferentes no que diz respeito à ideia de propriedade. Para os primeiros a terra é antes de tudo uma mercadoria sobre a qual se tem a posse e o direito de usufruto, de modo que Vargem Grande transforma-se no local escolhido dentre outras opções. Há nisso um sentimento de conquista sobre o terreno comprado, o qual necessita que o seu entorno permaneça inalterado ou com poucas transformações para que continue rentável. Nesse sentido, o lugar vale pelo que aparenta ser e os anseios com a casa vêm intimamente associados à preocupação com o bairro.

Eu falei “Cara, eu tenho o direito de regularizar a minha casa”. A minha casa tem fossa, tem filtro, tem sumidouro. Agora a galera que mora em comunidade, eles... tem uma comunidade no fundo da minha rua que eles estão no meio da rua, que é a comunidade Beira-Rio e ninguém faz nada. E eu que tô errada? Eu pago IPTU, mal ou bem eu pago IPTU do meu terreno, a gente paga IPTU do terreno. [...] O que a gente quer é regularizar pra poder pagar IPTU, a gente não quer ficar ilegal, não quer continuar ficando ilegal. (Graça)

Tuan (1980) comenta que num processo de remoção em West End⁴ os proprietários de classe média por estarem mais intimamente relacionados com suas residências, só se preocuparam com os acontecimentos no bairro quando perceberam que os eventos poderiam ter consequências no valor de suas casas. Por outro lado, artistas e intelectuais, possivelmente não proprietários, desde o princípio posicionaram-se contrariamente à remoção movidos por razões afetivas. Relacionando West End com Vargem Grande, o

⁴ Originariamente um distrito operário ítalo-americano na cidade de Boston, nos EUA, West End possuía um caráter multifacetado. Apesar dos limites bem definidos, não havia um verdadeiro sentimento de unidade, tanto que seus habitantes não se referiam a ele como “bairro” e seus comentários “geralmente careciam de emoção” (TUAN, 1980, p. 247).

posicionamento dos proprietários seria semelhante aos dos integrantes dos grupos 3 e 4 e o dos artistas e intelectuais aos participantes dos grupos 1, 2 e 5.

A percepção da terra como investimento, e não mais como uma “bênção”, a exemplo do que é experienciado pelos sujeitos dos grupos 1, 2 e 5, diferencia dois conjuntos de moradores que, além de terem uma relação muito diferente com o bairro, vivem ameaças distintas com a implantação do PEU. Enquanto pessoas dos grupos 1 e 5 vivem o medo da remoção e da frustração do seu modo de vida, os moradores do grupo 4 temem não terem suas moradias regularizadas, mostrando que a relação com o bairro perpassa a relação com a casa.

Aí assim, voltando à sua pergunta inicial, eu não tenho medo de ser despejada. Já tive medo de passar trator na minha casa, mas eu tenho medo de não conseguir regularizar a minha casa. [...] É essa a nossa briga. Porque que essas casas que estão ali... Se você olhar, eu fui em trocentos condomínios, são casas de classe média mesmo, que tem fossa, que não joga lixo no rio, que não joga esgoto igual a comunidade, [...] que paga o IPTU do seu terreno. Por que que essas casas não podem ser legalizadas? [...] Não entendo. Isso me desanima. (Graça).

Conclusão

Tuan (1980) afirma que as pessoas desenvolvem relações afetivas com o lugar, algo como um amor pelo lugar. Esse sentimento é resultante não apenas das características paisagísticas, mas das interações sociais. Nessa relação entrelaçam-se humano e não humano numa simbiose que torna o lugar parte da própria existência humana, de maneira que o desejo de deixar o bairro não é sequer imaginado.

No contexto dos moradores de Vargem Grande é possível perceber que os significados que o bairro adquire a partir da vivência de cada pessoa é um fator importante para que a ação coletiva tenha início. Como teorizado por Sack, os significados não são os mesmos e no caso da região pesquisada há os que desenvolvem um “amor pelo lugar”, onde o senso de propriedade predomina e os aspetos positivos são fortes impulsionadores para a ação. Do outro lado, há os que nutrem um “amor pela terra”, a qual é vista como um presente cuja preservação da sua natureza e dos vínculos sociais ali criados motivam a luta local.

Para pensar o elo afetivo entre indivíduo e natureza, importa levar em consideração, além dos aspectos paisagísticos, o compromisso com a manutenção do **senso de familiaridade**, que torna as pessoas responsáveis pelo bem comum e alheio; e o respeito às **memórias afetivas** e à **história local**, as quais intensificam a identificação com Vargem Grande e têm no quilombo parte relevante da sua origem. Como consequência, os

entrevistados veem-se motivados a lutar contra a remoção a partir da existência de um **comprometimento com a luta e com seus integrantes**.

Interessante salientar que a influência do lugar não envolve apenas o engajamento político, mas se reflete inclusive na profissão dos entrevistados, tanto para os que decidiram se mudar para Vargem Grande e com ela desenvolveram uma relação afetiva quanto para os que nasceram no bairro e o tiveram como inspiração para a escolha do ofício a ser seguido. Dentre os entrevistados há um jardineiro, que está sempre em contato com a terra e entende que ela deve ser aceita “do jeito que é”; um biólogo e um geógrafo, cuja profissão envolve o meio ambiente; uma pesquisadora, que ao mesmo tempo em que trabalha desenvolvendo projetos de apoio à agroecologia, pesquisa comunidades indígenas no norte do país; um gestor público, cuja pós-graduação teve como objeto de pesquisa Vargem Grande; e uma arquiteta, a quem importa pensar a casa, mas também o seu entorno (tabela 1).

A pesquisa permitiu a conclusão de que a relação afetiva com o lugar, enquanto motivador para a resistência, apesar de forte, não constitui a única e, em algumas situações, a principal razão para a insurgência. Por mais que a topofilia esteja presente o tempo todo, em alguma medida sua presença funciona como um pano de fundo para a militância, uma vez que alguns moradores não se sentem dispostos a continuar morando no bairro. No entanto, o que se mostra comum em todas as falas dos entrevistados é o desejo de manter os vínculos sociais e o sentimento de fazerem parte de uma mesma família. Os laços afetivos desenvolvidos em Vargem Grande servem para refletir sobre o senso de comunidade e de solidariedade vivenciado por seus moradores, de modo a tornar a batalha pela permanência *no e do* local importante, apesar dos desafios e dificuldades enfrentadas no percurso.

Referências

ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS. Plano Popular das Vargens: Sumário executivo. Rio de Janeiro, 2017.

BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo. São Paulo, n. 13, 2005, pp. 155-161.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Os sofrimentos do jovem Werther. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

JONES, Phil; EVANS, James. Rescue Geography: place making, affect and regeneration. *Urban Studies*, v. 49, n. 11, dec. 2012, p. 2315 – 2330.

LOPES, Gustavo; AMORIM, Vânia; CAVALLIERI, Fernando. Favelas Cariocas: Comparação das Áreas Ocupadas 2004-2011. Coleção Estudos Cariocas. Rio de Janeiro, n. 2, dez. 2012.

LOSEKANN, Cristiana. It was no accident! - The place of emotions in the mobilization of people affected by the collapse of Samarco's tailings dam in Brazil. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 14, n. 2, mai.-ago. 2017, p. 102-126.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001, p. 105 – 118.

MIRANDA, Karinna Adad de. *O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande*. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROCHA, João Pedro Maciente. *O bairro de Vargem Grande: recomendações para a valorização da cultura em seu desenvolvimento*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SACK, Robert David. *Homo Geographicus: A framework for Action, Awareness, and Moral Concern*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.

SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. Introduction: Geography and Emotion – Emerging Constellations. *Emotion, Place and Culture*. Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 1 – 18.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.